

# TEXTO, IMAGEM E EDIÇÃO: os passos do *impeachment* sob a ótica discursiva do *Jornal Nacional* [Brasil]

## TEXT, IMAGE AND EDITING: the steps of the impeachment under the discursive optic of the *Jornal Nacional* [Brazil]

Sérgio Arruda de MOURA<sup>1</sup>

Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro | Brasil

Mozarth Dias de Almeida MIRANDA<sup>2</sup>

Centro Universitário Redentor | Brasil

### Resumo

O artigo tem como objetivo analisar o discurso que resulta da intervenção da edição de texto e imagem em reportagem do *Jornal Nacional*, de 21 de outubro de 2015, que tem como tema o episódio da entrega da denúncia de irregularidade do governo Dilma Rousseff na Câmara dos Deputados. Buscando abordar o discurso jornalístico de um momento político que influenciou muito a opinião pública, vamos procurar entender como texto e imagem formam um todo indiscernível que marca o discurso construído para efeitos de espetáculo. Concluímos que a edição é o lugar onde se dá o discurso ao privilegiar de forma particular a relação entre o que o texto diz e o que a imagem mostra e por ser o lugar onde se firma o contrato de comunicação entre os sujeitos.

### Palavras-chave

Telejornalismo; Discurso jornalístico; Impeachment; Edição televisual, *Jornal Nacional*.

### Abstract

The article aims to analyze the discourse resulting from the intervention of text and image editing in a news report of the *Jornal Nacional* on October 21<sup>st</sup>, 2015 whose topic was the presentation of charges of irregularities against Dilma Rousseff Government to the Chamber of Deputies. Seeking to approach the journalistic discourse of a political moment that had a great influence on public opinion, we intend to understand how text and image form an indiscernible whole that distinguishes a discourse produced for show purposes. We conclude that editing is the place where discourse occurs by privileging in a particular way the relationship between what the text expresses and what the image shows and by being the place where the communication contract between the subjects is signed.

### Keywords

Journalism; impeachment; discourse; telejournalism; editing; *Jornal Nacional*.

RECEBIDO EM 10 DE AGOSTO DE 2018  
ACEITO EM 11 DE SETEMBRO DE 2018

<sup>1</sup> JORNALISTA. Doutor em Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Mestre em Letras pela Universidade Federal de Pernambuco. Graduado em Comunicação Social - Jornalismo pela Universidade Católica de Pernambuco. Atua como professor do Programa de Pós-Graduação em Cognição e Linguagem da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro. Contato: arruda.sergio@gmail.com

<sup>2</sup> JORNALISTA. Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Cognição e Linguagem da Universidade Estadual do Norte Fluminense. Mestre em Televisão Digital pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Contato: mozarthdias@hotmail.com

## Introdução

Nunca a imagem foi tão cultuada e colocada no centro em escala individual como nos nossos dias. Mais do que nunca se pode dizer dela que vale por mil palavras. Contudo, também nunca se escreveu tanto. Como forma de apoio à imagem ou de expressão necessária, o texto também volta à cena na cultura contemporânea, dita digital, como forma de casar a expressão às formas da expressão pessoal.

Entretanto, texto e imagem não se encontram fortuitamente agregando as qualidades sígnicas de um e de outro de forma natural. Nesses termos, temos como objetivo no presente artigo abordar a forma como texto e imagem se alinham para formar o todo discursivo, e como este aciona os pressupostos políticos e ideológicos, ou seja, os posicionamentos que indelevelmente são veiculados. Do texto ao discurso, ou seja, das formas literais e internas do sistema da língua surge o discurso, os posicionamentos que nascem das relações entre falantes. O *dito* e o *dizer* casam-se no ato comunicativo de uma reportagem telejornalística, por exemplo, a partir do controle da edição.

Neste sentido, faz-se necessária uma demonstração prática e analítica da forma como se mesclam texto e imagem a partir dos procedimentos típicos da edição. Assim, selecionamos uma reportagem de um conjunto de dez, veiculadas pelo *Jornal Nacional*, da TV Globo, e produzidas no decorrer do período de tramitação do pedido de *impeachment* da então presidente Dilma Rousseff, que se estendeu de outubro de 2015 a novembro do ano seguinte.

O conteúdo utilizado por ora é a primeira reportagem, que teve como pauta a entrega do pedido de afastamento da presidente ao então presidente da Câmara dos Deputados, o deputado Eduardo Cunha (PMDB-RJ). Os nossos objetivos são: observar como a construção da narrativa de reportagem, a partir de seleção precisa de material, constrói o discurso, classificando e filtrando os dispositivos de fala e de seu encaixe, de modo a favorecer um sentido.

Por texto jornalístico entendemos tanto o *roteiro* lido pelo apresentador quanto a fala do repórter externo, bem como a dos personagens envolvidos no fato, além do depoimento de especialistas. Esses textos, aliados às imagens obtidas de pessoas e objetos, compõem uma narrativa cênica e formam o que chamamos reportagem (ou matéria) televisiva. O gênero reportagem para o telejornal tem assim a sua forma definida no âmbito de

uma forma narrativa que mescla texto e imagens, amalgamados por um terceiro fator, que é a edição.

Temos, assim, como objeto de nossa investigação a edição como um aparato de controle do tempo da extensão da reportagem, mas não apenas. A edição é aquilo que controla o que podemos chamar de o modo como se conta uma história ou, nos termos de uma teoria do discurso, aquilo que possibilita o que se quer ou se pode dizer.

Existem diversas formas de se contar uma história. O estilo pode até ser definido como uma forma de controle sobre a narrativa. Um romance, por exemplo, encontrará a sua forma de conduzir a narrativa, optando pela linearidade cronológica dos fatos, ou usando o recurso do *flashback* ou *flashforward*, ou optando por uma língua específica. Pode apenas sugerir uma cena, mas pode também consubstanciar o pensamento do personagem e conduzir a formação do caráter dele, bem como suas intenções, suas frustrações, seus conflitos e acordos. Enfim, a narrativa sofre o controle de quem a assume e, muitas vezes, suas idiosincrasias, seu inconsciente e sua ideologia seguem juntos.

Assumimos no presente texto a ideia de que é a edição a chave-mestra da narrativa telejornalística, o lugar de onde emanam os sentidos do discurso, porque está em seus procedimentos a condução dos instrumentos de controle, como veremos.

No telejornal, cotidianamente, nos envolvemos com um sem-número de histórias, sintetizadas no imenso painel noticioso que forma hoje a oferta de noticiário via TV. Este painel diário em si mesmo é também um exemplo de edição como discurso porque ele é resultado de um trabalho intenso de seleção, ajuste, classificação editorial, afinamento ideológico, tratamento final, veiculação.

A questão que problematiza nossa investigação diz respeito ao papel dos processos próprios de que o telejornalismo se utiliza para gerar aquilo que, por sua vez, vai trabalhar para produzir os sentidos. Em outras palavras, tem como foco identificar e problematizar o modo como as estratégias utilizadas conceberam a notícia.

A justificativa para o desenvolvimento desse trabalho se resume a esclarecer como o processo passa por interferências, e como elas estão evidentes nas soluções encontradas pela reportagem.

O contexto pós-*impeachment* situa-se também no fato de que as narrativas naturalizadas e sedimentadas no grande arquivo da *web* formam um *continuum* e se estabelecem como documentos à disposição da História. Enfim, o *impeachment* da presidente Dilma, ou o *golpe*, como

também ficou conhecida a ação político-parlamentar no fluxo da contra-informação discursiva fora da grande imprensa, agora faz parte do discurso histórico e as ferramentas de sua análise passarão a ser outras.

## Discurso jornalístico e suas estratégias discursivas

Poucos decidem o que apurar e produzir, e através desse processo, reportar e editar. Para definir se vale a pena ou não, é necessário que a notícia possua alguns princípios, como aponta Cruz Neto (2008, p. 17), que são os seguintes: atualidade, novidade, veracidade, periodicidade, interesse público, proximidade, proeminência, curiosidade, conflito, suspense, emoção e consequências.

Convenhamos que esses pontos não se coadunam com o quesito objetividade e neutralidade jornalística de forma natural. A edição começa com a acomodação da notícia a esses critérios, todos ou parte deles. Tratar uma notícia cujo centro de interesse parece ser o conflito político exigirá um esforço sobrenatural que obedece a uma fórmula simples, ainda mais no campo da política partidária, em que os escrúpulos não funcionam como moeda de troca ou negociação.

Aqueles princípios em nada interessam ou dizem respeito à textualidade da reportagem dentre os quais os que lhe asseguram um gênero e um tipo – o que interessa aqui é a sua validação estratégica editorial, ou seja, o que a torna um discurso. Por exemplo: Vilella (2008, p. 76) define a característica “atualidade” da notícia da seguinte forma: “[...] quanto maior mudança acontecer no presente mais atrativo o fato se torna [...]”. Não há dúvida sobre a dimensão jornalística de um evento como o do pedido de *impeachment*.

No que tange à “veracidade”, o consumidor da notícia acredita na apuração e pesquisa desenvolvida pelo veículo de imprensa, ou seja, aquela informação foi construída baseada em dados e relatos reais, verdadeiros. Em relação ao princípio da periodicidade, boa parte dos telejornais é exibida nos dias úteis, e essa relação de presença diária programa o telespectador a acessar aquele periódico.

Nas abordagens jornalísticas que cobrem situações de “conflito” são marcantes as disputas políticas, notadamente as partidárias, como exatamente passaram a ocorrer de forma mais marcante desde quando se iniciaram os procedimentos que resultaram no *impeachment*.

Quando buscamos o artifício do “suspense”, deixamos no público que acompanha o telejornal a expectativa de uma solução. “É importante saber

dosar a descrição do fato para evitar o espetáculo [...]” (VILLELA, 2008, p. 99), embora tenha sido exatamente isso o que não aconteceu no episódio político que trataremos. Outro ingrediente que esteve presente nas coberturas foi o fator “emoção”, a partir do depoimento dos envolvidos nos dois lados da contenda política, ao se posicionarem como guardiões comprometidos com a boa condução política do País.

Só depois de entender que a notícia pode ser gerada é que se pode também entender como ela se tornou um valor. Importante marcar esses princípios e o quanto eles comprometem a neutralidade do fato cru, sem tratamento editorial. Fica assim marcada também a impossibilidade da neutralidade jornalística, já que muitos fatores a condicionam, ainda mais quando são ajuizados por um sujeito-editor, ele mesmo um ser de linguagem. Afinal, no discurso, “[...] a linguagem não faz sentido, a não ser na medida em que este é considerado em um certo contexto psicológico e social [...]” (CHARAUDEAU, 2010, p. 15).

Enfim, depois de captados os relatos das fontes e as imagens começa o penoso trajeto de produção da notícia.

No texto analisado o tempo da reportagem foi de 2 minutos e 34 segundos, somando a cabeça lida pela apresentadora Sandra Annenberg e a nota final, também lida por ela. O material foi produzido em Brasília no dia 21 de outubro de 2015, e teve o repórter Julio Mosquera como autor. Já no primeiro *off*, as imagens que cobrem esse texto são dos deputados puxando um carrinho no corredor do Congresso com as caixas contendo as milhares de páginas do processo de denúncia. O texto do repórter seguiu essas imagens e trouxe detalhes nas informações para não parecerem redundantes. A lauda parcial a seguir ilustra como a reportagem foi confeccionada e exibida no telejornal.

Esta primeira reportagem, de uma série de 10, tem como pauta central o deputado Cunha, a quem cabe, como presidente da Câmara, receber o pedido de *impeachment* - na verdade, mais um dos inúmeros que são protocolados a cada mandato. É que, na seleção do material, na chamada da reportagem, ele aparece como alvo de protestos, já que representa a oposição e ocupa cargo estratégico de aceitação ou não da denúncia. A ele foi dado o protagonismo da narrativa, já que o foco da reportagem reside na entrega da documentação. No entanto, fazendo parte da oposição ao governo Dilma, coube justamente a ele o instrumento legal de deposição de um governo que a oposição queria destituir.

Para efeitos práticos recompusemos a reportagem tal como ela se apresenta nos *scripts* de um telejornal, como se segue:

**Tabela 1** – *Script* da edição do Jornal Nacional do dia 21 de outubro de 2015

TELEJORNAL: <b>JORNAL NACIONAL</b> RETRANÇA: <b>PEDIDO IMPEACHMENT DILMA</b> REPÓRTER: <b>JULIO MOSQUÉRA</b> PRAÇA: <b>BRASÍLIA</b> DATA: <b>21/10/2015</b> VT: <b>2'34''</b>	
VÍDEO	ÁUDIO
<p><b>BANCADA</b> – SANDRA ANNENBERG E WILLIAM BONNER</p> <p><b>ENQUADRAMENTO FECHADO E CORTE PARA CÂMERA EM TRAVELLING</b></p> <p>///RODAR VT//</p> <p><b>DI:</b> "A OPOSIÇÃO..." <b>DF:</b> "...EDUARDO CUNHA"</p> <p><b>OFF1-IMAGENS:</b> DEPUTADOS ANDANDO NO CORREDOR DO CONGRESSO NACIONAL EMPURRANDO UM CARRINHO COM CAIXAS DE ARQUIVO. O LOCAL ESTAVA CHEIO E A IMPRENSA COBRIA O FATO. ERAM QUATRO CAIXAS AZUIS COM DOCUMENTOS QUE PROVAM AS PEDALADAS FISCAIS. O GRUPO ENTREGA AO PRESIDENTE DA CÂMARA, EDUARDO CUNHA, OS PACOTES DE DOCUMENTOS</p> <p><b>SONORA:</b> RUBENS BUENO (PPS-PR)</p> <p><b>OFF2-IMAGENS:</b> MOVIMENTO NOS CORREDORES COM O LÍDER DO GOVERNO ATENDENDO ASSESSORES E IMPRENSA.</p> <p><b>SONORA:</b> DEPUTADO JOSÉ GUIMARÃES (PT-CE)</p> <p><b>OFF3- IMAGENS:</b> EDUARDO CUNHA ANDANDO PELOS CORREDORES MOVIMENTADOS DO CONGRESSO COM JORNALISTAS, ASSESSORES, DEPUTADOS// ELE CONVERSA COM A IMPRENSA//</p> <p><b>SONORA:</b> DEP. EDUARDO CUNHA – PRESIDENTE DA CÂMARA (PMDB-RJ)</p>	<p><b>CABEÇA-SANDRA:</b> O PRESIDENTE DA CÂMARA EDUARDO CUNHA FOI ALVO DE UM PROTESTO DENTRO DO CONGRESSO, E RECEBEU DA OPOSIÇÃO MAIS UM PEDIDO DE <i>IMPEACHMENT</i> DA PRESIDENTE DILMA//</p> <p>///RODAR VT//</p> <p><b>OFF1:</b> A OPOSIÇÃO CHEGOU COM UM CARRINHO PARA ENTREGAR AS MILHARES DE PÁGINAS DO NOVO PEDIDO DE <i>IMPEACHMENT</i>// DOCUMENTOS QUE TRATAM DAS PEDALADAS FISCAIS DO ANO PASSADO TRAZEM QUATRO DECRETOS ASSINADOS PELA PRESIDENTE DILMA EM JULHO, AGOSTO E SETEMBRO PARA MOSTRAR QUE ELA TERIA GASTO ESTE ANO R\$820 MILHÕES, SEM AUTORIZAÇÃO DO CONGRESSO//</p> <p>"ELA COMETEU CRIME DE RESPONSABILIDADE COM AS PEDALADAS FISCAIS QUE ESTÃO AGORA NESSE DOCUMENTO ÚNICO APRESENTADO HOJE PELAS LIDERANÇAS DE OPOSIÇÃO// ENTÃO DEIXO CLARAMENTE QUE A PARTIR DE AGORA CABE AO PRESIDENTE ANALISAR E DIZER PARA O PAÍS SE ACEITA OU NÃO O PEDIDO DE <i>IMPEACHMENT</i>"//</p> <p><b>OFF2:</b> O LÍDER DO GOVERNO NA CÂMARA DIZ QUE A OPOSIÇÃO CONTINUA EM CAMPANHA E QUE DEVERIA PENSAR EM OUTROS ASSUNTOS PARA AJUDAR O PAÍS.</p> <p>"QUE TAL O NATAL COM DRU? COM CPMF? ESSA IDEIA BRILHANTE QUE O PSDB CRIOU EM DÉCADAS PASSADAS QUE FOI A CRIAÇÃO DA CPMF"//</p> <p><b>OFF3:</b> CUNHA NÃO DISSE SIM PARA A OPOSIÇÃO, NEM NÃO PARA O GOVERNO// VAI LEVANDO O <i>IMPEACHMENT</i> EM BANHO-MARIA. E IRONIZOU AS PEDALADAS FISCAIS DA PRESIDENTE DILMA.</p> <p>"AS PEDALADAS JÁ ESTÃO VIRANDO MOTOCICLETA.</p>

<p><b>OFF4</b> - IMAGENS: ELE CONVERSA COM A IMPRENSA – IMAGEM DA ENTREVISTA</p> <p><b>PASSAGEM:</b> JULIO MOSQUÉRA – BRASÍLIA</p> <p><b>CENÁRIO:</b> AO FUNDO O PLENÁRIO DA CÂMARA DOS DEPUTADOS EM DISCUSSÃO SOBRE ALGUMA PAUTA – A PASSAGEM FOI GRAVADA DA TRIBUNA, ENTÃO O PLENÁRIO ESTÁ ABAIXO</p> <p><b>OFF5-IMAGENS:</b> GRANDE MOVIMENTO DE PARLAMENTARES NA GALERIA DE EX-LÍDERES COM DISCURSOS DE ALGUNS DELES// NA PAREDE TEM AS FOTOS DE ANTIGOS LÍDERES DO PMDB//</p> <p><b>IMAGEM DA FAIXA DO PSOL</b> “ELOGIO À CORRUPÇÃO, NÃO” – SEGURADA POR DEPUTADOS DO PARTIDO E MANIFESTANTES. O MANIFESTO ACONTECEU NO SALÃO VERDE.</p> <p><b>IMAGEM-SOBE SOM:</b> CUNHA DANDO ENTREVISTA</p> <p><b>OFF6-IMAGENS:</b> ELE FINALIZA A ENTREVISTA</p> <p><b>SONORA:</b> CUNHA (VOLTA)</p> <p><b>OFF7:</b> IMAGENS – CHICO ALENCAR EM DISCURSO AOS MANIFESTANTES NO SALÃO VERDE</p> <p><b>SONORA:</b> DEP. CHICO ALENCAR (PSOL-RJ)</p> <p><b>OFF8:</b> IMAGEM DIGITALIZADA DA NOTA DO PDT COM A RETIRADA DAS DUAS FRASES EM APOIO A PRESIDENTE DILMA E A FAVOR DA RENÚNCIA DE CUNHA</p> <p>VOLTA SANDRA ANNENBERG – BANCADA</p>	<p>SAIU DA BICICLETA FOI PARA A MOTOCICLETA”.</p> <p><b>OFF4:</b> MAS NÃO DEU PRAZO PARA RESPONDER AO PEDIDO DE <i>IMPEACHMENT</i>.</p> <p>“ENQUANTO ISSO, O PRESIDENTE DA CÂMARA VAI SEGURANDO CRÍTICAS MAIS CONTUNDENTES DA OPOSIÇÃO// E VÊ OS DEPUTADOS GOVERNISTAS SEGUIREM À RISCA A ORIENTAÇÃO DO PALÁCIO DO PLANALTO PARA QUE ELE SEJA POUAPADO DOS DISCURSOS NO PLENÁRIO”//</p> <p><b>OFF5:</b> E HOJE, ENTROU PARA A GALERIA DE EX-LÍDERES DO PMDB NA CÂMARA SOB ELOGIOS DE DEZENAS DE DEPUTADOS// O PSOL É QUE NÃO DÁ SOSSEGO AO PRESIDENTE DA CÂMARA// COM A AJUDA DE DEPUTADOS DE OUTROS PARTIDOS, PUXOU UMA MANIFESTAÇÃO NO SALÃO VERDE PARA DIZER: NÃO A ELOGIOS À CORRUPÇÃO// DURANTE A MANIFESTAÇÃO, CUNHA DAVA ENTREVISTA. ALGUNS PARLAMENTARES PUXARAM UM CORO PELA RENÚNCIA//</p> <p>///<b>SOBE SOM</b>/// “O SENHOR MENTIU NA CPI DA PETROBRÁS// DECLAROU UM PATRIMÔNIO FORA DO BRASIL 37 VEZES MAIOR DO QUE DECLAROU À JUSTIÇA ELEITORAL BRASILEIRA// QUANDO O SENHOR VAI RENUNCIAR?”//</p> <p><b>OFF6:</b> CUNHA FOI OBRIGADO A TERMINAR A ENTREVISTA.</p> <p>“É UMA CASA DEMOCRÁTICA, CADA UM TEM O DIREITO DE SE MANIFESTAR DO JEITO QUE QUISER”,</p> <p><b>OFF7:</b> O LÍDER DO PSOL COMEMOROU A PRIMEIRA MANIFESTAÇÃO ABERTA CONTRA CUNHA DENTRO DA CÂMARA//</p> <p>“A INSATISFAÇÃO, POR INCRÍVEL QUE PAREÇA, POR MAIS QUE SE FECHOU A CÂMARA, ECOA AQUI DENTRO”//</p> <p><b>OFF8:</b> NO FIM DA TARDE, O PDT, QUE FAZ PARTE DA BASE DO GOVERNO, DIVULGOU NOTA CONTRA O <i>IMPEACHMENT</i> DA PRESIDENTE DILMA E A FAVOR DA RENÚNCIA DE EDUARDO CUNHA//</p> <p>///<b>FIM VT</b>///</p> <p>NOTA: O COORDENADOR JURÍDICO DA CAMPANHA DE DILMA ROUSSEFF, FLÁVIO CAETANO, DISSE QUE A MUDANÇA NO PEDIDO DE <i>IMPEACHMENT</i> DA PRESIDENTE DILMA QUE JÁ TINHA SIDO APRESENTADO É UMA MANOBRA POLÍTICA QUE DESRESPEITA DECISÃO DO SUPREMO TRIBUNAL FEDERAL//</p>
--	--

**Fonte:** Elaborada pelos autores

## Contextos político e econômico pré-*impeachment*

A ex-presidente Dilma Rousseff conseguiu se reeleger no cargo nas eleições de 2014. Manteve a linha de governo do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva nos seus dois mandatos, de 2002 a 2010. Dilma fora executiva da Petrobrás e chefe da Casa Civil no governo Lula. Então, o estilo de governo dela tentou, em parte, seguir a forma Lula de administrar o dinheiro público, mas divergiu em alguns itens, como as conduções políticas e econômicas.

O ex-presidente tinha melhor habilidade para dialogar com o Congresso e Senado, e assim facilitava a aprovação dos projetos de lei do Executivo. Ele aproveitou esse canal aberto para gerenciar crises internas como o processo do Mensalão, em 2005. Dilma não detinha habilidade de negociação com as bancadas parlamentares. Elas trazem vícios que devem ser alimentados, e esse é um dos aspectos da governabilidade que cobram um alto preço ao favorecer o desgaste e a incoerência política. Para mediar essa situação, o governo contou com o apoio do PMDB<sup>3</sup>, a maior bancada do Congresso, e desde a primeira gestão o símbolo representante do partido era o vice-presidente Michel Temer. Ainda na esfera política, a ex-presidente enfrentou outros desgastes, como o das manifestações de junho de 2013 e, ainda, a instauração da Operação Lava Jato em 2014 contra a corrupção. O foco da operação do MPF<sup>4</sup>, nas primeiras fases, eram os políticos do Partido dos Trabalhadores (PT). As investigações seguiram, após a saída de Dilma do cargo, só que com outros partidos citados nas delações premiadas aos juízes Sérgio Moro, em Curitiba, e Marcelo Brêtas, no Rio de Janeiro, e de forma a deixar a sensação real de que elas não atingiram políticos importantes, entre os quais os da sigla PSDB<sup>5</sup> e do presidente em exercício.

Além da instabilidade política, a economia também sofria golpes. O cenário mundial havia mudado, e as exportações de produtos brasileiros, em 2015, sofreram queda, a exemplo do preço do barril do petróleo (de 125 dólares em 2011 para 49 dólares em 2014); a tonelada do minério de ferro perdeu um terço do valor em apenas três anos; e os investimentos estrangeiros reduziram em mais de 30% de 2014 para 2015.

<sup>3</sup> Partido do Movimento Democrático Brasileiro.

<sup>4</sup> Ministério Público Federal.

<sup>5</sup> Partido da Social Democracia Brasileira.

Os rumores de *impeachment* começaram logo após a vitória nas urnas e, mal o novo governo assumiu, as articulações começaram. As instabilidades, já citadas, ajudaram a fortalecer os argumentos das bancadas desprivilegiadas pela presidente, e só faltava encontrar outro motivo que pesaria na conta: as pedaladas fiscais.

Mas, à parte a retórica da nomenclatura jurídica e fiscal, o que realmente pesou no processo foi o “estrago” da imagem do governo via TV e tecnologias digitais ao alcance da mão do cidadão ávido por participação, fosse qual fosse, incluindo as que não se justificaram politicamente.

As pedaladas são atrasos de pagamentos a bancos públicos, não informados de forma clara ao Congresso entre 2014 e 2015. Assim, a situação parece melhor do que se imagina e o Governo paga juros a mais impactando o orçamento. Para a oposição, Dilma teria “pedalado” no Plano Safra, que é o crédito subsidiado para agricultores familiares, e atrasado os repasses feitos ao Banco do Brasil. Segundo a perícia do Senado, a presidente não efetuou as pedaladas porque não teria influenciado nem de forma direta nem indireta nesses atos, mas ficou identificado na investigação que ela assinou quatro decretos de crédito suplementar sem autorização do Congresso. O documento dos peritos do Senado ajudou a defesa da presidenta, e também reforçou os argumentos da oposição.

Esse olhar geral que descrevemos nos últimos parágrafos não tem a intenção de justificar ou julgar qualquer processo político, mas serve para nos auxiliar quanto às análises da reportagem e na forma com que cada autor vai colaborar com o olhar mais crítico.

## **O valor-notícia em debate**

O jornalismo, na verdade, não está à mercê do controle individual da notícia que diariamente colhe nas ruas. Ou seja, um jornalista não é exatamente um agente de mudanças autônomo. Warren Breed (1993) apresentou os mecanismos de controle editorial e político nas redações através da perspectiva do *gatekeeper*. Para Breed, os profissionais se adaptam às normas de publicação das empresas jornalísticas e trabalham com as definições pré-estabelecidas. Para ele, são seis os motivos que fazem os profissionais se afinarem com a política editorial:

[...] a autoridade institucional e as sanções, os sentimentos de dever e estima para com os superiores; as aspirações; a mobilidade profissional; a ausência de fidelidade de grupo contrapostas; o caráter agradável do trabalho; o fato de a notícia ser transformada em valor [...] (BREED, 1993, p. 157).

O crivo dos editores na escolha dos assuntos que devem ir ao ar, ou não, depende de análises corporativas, intuitivas ou até políticas. “É um processo pelo qual as mensagens existentes passam por uma série de decisões, filtros (*gates*) até chegarem ao destinatário ou consumidor [...]” (VIZEU, 2003, p. 78).

Essa reflexão feita por Vizeu (2003) serve para entender como as notícias são, ou que imagem as notícias fazem do mundo, e/ou como a produção delas está associada ao dia a dia da produção nas redações das emissoras de TV. Tal definição nos coloca à frente de características expressivas e mutantes no contexto interpretativo do jornalista.

O limite rígido do tamanho do telejornal é um dos fatores que dificulta o “[...] aprofundamento de aspectos importantes dos fatos que viram notícia, e que são deixados de lado[...]” (VIZEU, 2003, p. 82). Outro ponto que se modifica com frequência é o valor-notícia que são os critérios de relevância espalhados no decorrer de todo o processo de produção.

O elemento fundamental das rotinas produtivas, isto é, a substancial escassez de tempo e de meios, acentua a importância dos valores/notícia, que se encontram, assim, profundamente enraizados no processo produtivo [...] (WOLF, 1994, p. 83).

À medida que as mudanças vão acontecendo, na forma de cobrir o fato e as variáveis nas abordagens dos conteúdos solucionadas, acontecem os ajustes dos valores-notícia. Os contextos mudam e o jornalismo como atividade circunscrita às ciências sociais aplicadas analisa os novos rumos e se adapta às demandas.

## Discurso jornalístico

O *corpus* sobre o qual vamos nos debruçar faz parte de um conjunto de dez reportagens veiculadas pelo *Jornal Nacional* da Rede Globo durante o período de tramitação do *impeachment* da ex-presidente Dilma Rousseff. No subitem anterior procuramos dar um panorama geral da realidade na qual esse conteúdo foi produzido.

Inicia-se o trabalho de análise pela configuração do corpus, delineando-se seus limites, fazendo seus recortes, na medida mesma em que se vai incidindo um primeiro trabalho de análise, retomando conceitos e noções [...] (ORLANDI, 2010, p. 66).

Para Orlandi (2010), a análise de discurso consiste em identificar, também, o que foi dito e o que não foi dito no texto. Por mais que as imagens precisem ser marcadas e comentadas, elas se mostram sozinhas e “discursam” a partir da seleção/edição que fazem delas.

Desde o início do texto a emissora enfoca uma crítica ao presidente da Câmara. Na cabeça lida pela apresentadora a primeira informação foi o protesto contra o parlamentar, e essa nem era a principal questão do dia, e da reportagem. Mas como as denúncias contra Cunha de gastos abusivos, investigadas através da quebra de sigilo bancário de contas na Suíça, foram confirmados em reportagem especial veiculada em outro programa da emissora, o *Fantástico*, no dia 13 de março de 2016, isso fez com que ele também fosse alvo de pressão da opinião pública. O trecho ao qual nos referimos é o que se segue: “O presidente da Câmara, Eduardo Cunha, foi alvo de um protesto dentro do Congresso, e recebeu da oposição mais um pedido de *impeachment* da presidente Dilma.”<sup>6</sup>.

Nesse trecho já fica evidente o trabalho de oposição entre líderes dos diferentes poderes e envolvidos em polêmicas. Até certo ponto, a relação não pode ser agressiva e cria um clima de tensão no ar.

Além da história que envolve o contexto, que é amplo, na reportagem em questão se observa que os parlamentares produziram um acontecimento que era fundamental que fosse registrado pela grande mídia com toda a movimentação e entrega de grande documento que questionava a lisura na gestão de Dilma. Os sujeitos envolvidos no episódio-espetáculo entram em sintonia com o *ethos* da imprensa que também aprecia a sensação de espetáculo como discurso da notícia.

No decorrer da reportagem os receptores da informação ficam diante da exposição de uma guerra que saiu dos bastidores e se tornou midiática, com a troca de farpas e acusações. São esses os dois eixos do conflito que a notícia se interessa em acentuar. O processo de *impeachment* era uma possibilidade naquele momento. A articulação do PSDB para movimentar o *status quo* político foi feita aproveitando a instabilidade do governo e a insegurança do futuro de um país em pleno conflito.

Orlandi (2010) ressalta que a direção argumentativa do autor do texto é um fator relevante para contribuir com a absorção do conteúdo. Trazer a principal realidade com as oposições das opiniões e procurar não deslizar no envolvimento com as ideologias foi a estratégia do produtor da notícia. Na

---

<sup>6</sup> cf. Tabela 1.

passagem do repórter, trecho em que o jornalista aparece e faz a transição para outro viés do texto, foi constatado um posicionamento para evitar maiores desgastes.

O jornalista balizou o caminho a ser traçado, pois naquele momento era importante que as instâncias se respeitassem e não se desgastassem mais. Naquela época, tanto Cunha quanto Dilma estavam com a imagem em tom negativo perante a sociedade. No entanto, as irregularidades em um e noutro têm diapasões diferentes, porque já havia crime de evasão de divisas confirmado nas atividades do deputado e nada ainda na conduta da presidente.

## O discurso midiático de acordo com Charaudeau

Na abordagem de Charaudeau (2010) sobre as fontes na mídia, estas são sempre identificadas para marcar *status*, função, nome e se pertencem ou não a um organismo, setor, instituição. Esses fatores influenciam na credibilidade da notícia, verdade, seriedade profissional. Nesse sentido, os quatro entrevistados que participaram da reportagem foram identificados, cada um representando um posicionamento ideológico e ali, naqueles três minutos de reportagem, defenderam o seu nicho ideológico, ou seja, o seu *status* de legítimos representantes da instituição a quem compete o processo.

Para organizar a hierarquia do material a ser exibido o repórter buscou relatar o acontecimento. Essa estratégia é a mais utilizada para evitar o envolvimento do profissional com o tema abordado.

Enfim espera-se do autor de uma reportagem que ele esteja o mais próximo possível da suposta realidade do fenômeno, pois esse não faz parte da ficção, e também se espera que demonstre imparcialidade, isto é, que sua maneira de perguntar e de tratar as pessoas não seja influenciada por seu engajamento, por se tratar de um jornalista (isso se daria de outro modo se o autor da reportagem fosse uma personalidade de fora das mídias)[...] (CHARAUDEAU, 2010, p. 222).

Dessa forma, os dados e informações narrados pelo jornalista são os fatos relatados e as opiniões embutidas de outros agentes (deputados) são parte do dito relatado.

Tal acontecimento é constituído por fatos e ações dos atores que se acham implicados: trata-se, nesse caso, de "fato relatado"; mas

também de palavras com declarações e demais reações verbais dos atores da vida pública: é o que chamamos de “dito relatado” [...] (CHARAUDEAU, 2010, p. 150).

O autor explica que o acontecimento passa por racionalizações (edição) antes de ser divulgado e, assim, a construção da realidade, que começa na rua com a percepção do repórter, depois segue com a montagem do texto e, logo após o olhar do editor, se conclui com o direcionamento do conteúdo e enquadra as intenções da mídia. “Assim, a instância midiática impõe ao cidadão uma visão de mundo previamente articulada, sendo que tal visão é apresentada como se fosse a visão natural do mundo” (CHARAUDEAU, 2010, p. 151).

O caminho percorrido nessa reportagem consiste em mostrar o factual do dia, e depois trazer os diferentes pontos de vista, “costurando” as intenções e despertando as reações do público. O relato tem um ponto de vista e não pondera as opiniões, por ser um terreno sem regras para desbravar. Nem todos os políticos têm o mesmo espaço, visto que não é uma regra fora do período de propaganda eleitoral. É aqui que a edição aproveita os melhores personagens, mesmo se eles penderem para um lado específico.

A primeira fonte no discurso é um tanto “autoritária” (ORLANDI, 2010, p. 86), pois é categórica no julgamento da denúncia, e com isso acaba pressionando o aceite do processo.

O depoimento abaixo selecionado da entrevista do deputado Ruben Bueno (PPS-PR)<sup>7</sup> é identificado pela oração direta, apontando a origem e as provas que embasam a denúncia.

Ela cometeu crime de responsabilidade com as pedaladas fiscais que estão agora nesse documento único apresentado hoje pelas lideranças de oposição. Então deixo claramente que a partir de agora cabe ao presidente analisar e dizer para o país se aceita ou não o pedido de *impeachment*.

Ele disponibiliza a documentação e ainda exige a reação do presidente. Essa estratégia da oposição marca o território e o posiciona a favor da mudança de poder.

Como existe um fogo cruzado, e uma possível motivação do PSDB para fortalecer o embate entre as bancadas da base e da oposição, fica mais fácil fragilizar a fonte do poder. O representante do governo rebate a pressão atacando a origem do foco.

---

<sup>7</sup> Cf. Tabela 1.

Na sequência, o depoimento do deputado José Guimarães (PT-CE) líder do governo, parece inteiramente deslocado da condução da narrativa, já que põe em cena o PSDB que, até o instante, não havia sido pronunciado, pelo menos no episódio relatado na reportagem em análise: “Que tal o Natal com DRU? Com CPMF? Essa ideia brilhante que o PSDB criou em décadas passadas que foi a criação da CPMF?”<sup>8</sup>

Daí se percebe uma discrepância da extensão e validação das explicações dos agentes envolvidos com o fato. Outro fator que não podemos esquecer é a diferença no poder de argumentação e de relevância na abordagem do conteúdo transmitido em cada entrevista editada.

É que pode ser estrategicamente útil jogar com a possibilidade de não fornecer índices do dito relatado, ou de sugerir-los, ou de deixá-los à apreciação do interlocutor. [...] É nesse jogo de marcação-demarcação por um lado, não marcação-integração, de outro, que se situa o discurso das mídias de informação [...] (CHARAUDEAU, 2010, p. 162)

O representante da base governista tenta desviar o foco do assunto com a reversão de atos antigos praticados por outra gestão, mas que serve como um contra-ataque ao PSDB. A narrativa busca não se envolver, porém mostra a alternativa para ganhar tempo com o apoio do governo.

Assim sendo, a reportagem deve adotar um ponto de vista distanciado e global (princípio de objetivação) e deve propor ao mesmo tempo um questionamento sobre o fenômeno tratado (princípio de inteligibilidade) [...] (CHARAUDEAU, 2010, p. 221).

É para atender a todos esses princípios que existe uma infinidade de roteirizações, com diferentes abordagens, como encaixes de entrevistas, artes, dados – são artifícios válidos para a explicação do fato. Determinação aplicada, mas com toques de malícia que podem ser percebidos em leitura mais atenta.

A cena exhibe imagens de Cunha andando pelos corredores movimentados do Congresso em meio aos jornalistas e demais parlamentares, enquanto se houve em *off*: “Cunha não disse sim para a

---

<sup>8</sup> Cf. Tabela 1.

oposição, nem não para o governo// vai levando o *impeachment* em banho maria e ironizou as pedaladas fiscais da presidente Dilma.”<sup>9</sup> .

A reportagem não diz, mas no final fica evidente que o pronunciamento de Cunha (“As pedaladas já estão virando motocicleta/ saiu da bicicleta foi para a motocicleta”), o carrinho com as milhares de páginas, os apupos dirigidos a ele por haver entrado na galeria dos ex-presidentes, formam um pequeno espetáculo midiático que se repetirá ao longo do penoso processo exatamente como tal. A edição não atentou para o princípio da objetivação (CHARAUDEAU, 2010) e deu fôlego a um último “herói” da oposição, com os seus dias contados com o avanço das investigações contra ele.

Em um primeiro estágio da análise pode-se inferir que a estratégia do repórter e do editor consiste em utilizar termos populares para chegar a objetivos específicos - como o “sim” e o “não” para estabelecer a polarização dos poderes e o choque entre eles, e o termo “banho-maria” para simbolizar o “cozimento” do governo, ganhar tempo. E quem estava monitorando a temperatura da água, mantendo a simbologia, era o presidente da Câmara Federal.

Cunha não deixa de ironizar os atos do governo para se manter no alvo das questões. A finalidade desse discurso irônico é continuar o ataque e manter a ideia de que as “pedaladas” são inadmissíveis e as providências devem ser tomadas, só que ainda dependia de negociações com o governo para seguir com o caso. A resposta dele teve a finalidade de medir forças, ou seja, quem pode mais e quem pode menos, e, desse modo, Cunha reforça a oposição entre direita e esquerda dentro do Congresso.

A reportagem não ficou só na cobertura do primeiro ato. O segundo ponto de vista foi a homenagem ao presidente da Câmara. Todavia, parlamentares opositores se manifestaram para estragar a festa.

As imagens não deixam dúvida de que se trata de uma reportagem sobre Eduardo Cunha, e não sobre o que tudo destacava: o início de um processo de *impeachment* que já se tinha como certo. O intenso movimento de parlamentares na galeria de ex-líderes, com discursos de alguns deles diante da parede com as fotos de antigos líderes do PMDB, reforça o tom de uma reportagem sobre Cunha e não sobre um processo, sua discussão e suas consequências. Em contraste, apenas a imagem da faixa do PSOL<sup>10</sup> em que se lia “elogio à corrupção, não”, segurada por deputados do partido e

<sup>9</sup> IDEM.

<sup>10</sup> Partido Socialismo e Liberdade.

manifestantes, sem direito a qualquer consideração. Em *off*, a voz do repórter sela o sentido priorizado do discurso:

E hoje, entrou para a galeria de ex-líderes do PMDB na Câmara sob elogios de dezenas de deputados. O PSOL é que não dá sossego ao presidente da Câmara. Com a ajuda de deputados de outros partidos, puxou uma manifestação no Salão Verde para dizer “não a elogios à corrupção”. Durante a manifestação, Cunha dava entrevista. Alguns parlamentares puxaram um coro pela renúncia [...] “O senhor mentiu na CPI da Petrobrás. Declarou um patrimônio fora do Brasil 37 vezes maior que declarou à justiça eleitoral brasileira. Quando o senhor vai renunciar?”.<sup>11</sup>

O conflito entre Cunha e os parlamentares descontentes ficou em segundo plano na reportagem, mas (nos) mostrou a fragilidade do líder que se mantinha no poder.

## Conteúdo telejornalístico depende da imagem

O conteúdo só existe a partir conexão do texto com a imagem. Já o discurso nasce da interferência do dispositivo da edição. Dessa forma, o profissional fundamenta as reportagens gravadas para os telejornais nacionais ou regionais. O texto é registrado como *off* e se torna áudio. Esse *off* é gravado pelo repórter ou narrador, com as devidas informações (dados, histórias) expostas dentro de cada um deles. Ainda fazem parte do conteúdo da reportagem os entrevistados (fontes agendadas que falam sobre o assunto como especialistas) e/ou os personagens (que expõem suas histórias), e também o povo-fala (pessoas abordadas na rua que, a partir da explicação do objetivo da reportagem, aceitam ou não opinar sobre o tema, manifestando um ponto de vista).

Na estrutura de uma reportagem outros mecanismos podem ser utilizados, tais como as artes gráficas (pesquisas, comparativos) e também os áudios (sobe som) específicos como explosões, tiroteios, discussões, gritaria, câmera escondida etc. Tais situações podem ser utilizadas para enriquecer os aspectos reais do material jornalístico. Todo esse material extra compõe a real motivação de uma reportagem: compor narrativas do cotidiano, usando-se para tanto toda a semiologia que julgamos compor uma cena real.

---

<sup>11</sup> Cf. Tabela 1.

Para se reconhecer como reportagem telejornalística a imagem é utilizada na cobertura do conteúdo gravado, e até em parte das entrevistas editadas. A participação dela é de relevância para a assimilação da mensagem que está sendo emitida.

É nesse momento que o discurso do telejornal, propriamente dito, se elabora, ou seja, é nesse jogo de montagem em que o texto se vale de seus recursos, que se constrói o lugar de onde partem os sentidos. Argumentamos que é precisamente no aparato específico das formas de dizer que se elabora o dito. A maior ou menor ênfase em um aspecto do fato noticioso é a estratégia noticiosa em si do discurso, e onde melhor se aparelham ideologia e inconsciente. Ora, todo noticiário político se faz a partir de um conflito nítido muitas vezes percebido. A multidão de vozes, aquinhoando suas defesas e ataques no conflito, dá vez a uma infiltração de vozes outras, não propriamente participantes do jogo, como o especialista ou o anônimo entrevistado na rua. É nesses termos que se dá a enunciação do discurso jornalístico e a provocação de seus enunciados específicos.

## **A imagem, o texto e a edição: enfim de onde partem os sentidos?**

A imagem, que agora é espetáculo-testemunha, não apenas representa o real, mas traz para o ideário dos milhares de telespectadores o conhecimento da cultura, da prática jornalística, como um item com potencial para inovar os costumes e as relações políticas e sociais.

Se considerarmos que a visão é a mais importante forma de percepção que o ser humano possui para ações cognitivas, tornando-se uma fonte de informação e conhecimento poderemos ter ideias mais aproximadas da importância de todo um universo de produção de documentos visuais. (BRASIL, 2012, p. 26).

Essa consciência que desperta no telespectador a absorção é direcionada pela linha editorial da reportagem. A linguagem textual tem limites mais claros, porém a linguagem visual navega por um oceano fluido e subjetivo. Os argumentos e barreiras do texto tentam delimitar esse trajeto com a definição de um roteiro que “amarra” *offs*, entrevistas e artes gráficas, tudo para construir um todo narrativo.

Com a linha definida, e os passos marcados da reportagem que será exibida, a imagem tem a missão de proporcionar o rótulo de verdade para o material jornalístico. “A imagem é apresentação e aparência, cuja configuração procura ser verdadeira, ou seja, corresponder parcialmente às

condições do objeto representado [...]” (BRASIL, 2012, p. 41). A sensação de credibilidade reforça a importância de cada frase e *take* que ilustram a reportagem.

O meio telejornalístico seleciona porções de realidade que correspondem às exigências do meio e criam um espaço na forma de “realidade alternativa” (BRASIL, 2012, p. 105). Essa realidade é pensada na concepção do telejornalismo como uma máxima: “Só vale se tiver imagem”. Então, é muito comum no dia a dia das redações a pergunta: se não tem imagem como vai se tornar uma matéria?

Dessa forma, se improvisa um *stand up*, ou entrada ao vivo, ou até uma nota que pode ser lida pelo apresentador. Mas aí o discurso é escasso, quase impossível, porque o sujeito-autor não tem como intervir.

Concluímos que a edição é o lugar onde se dá o discurso por privilegiar de forma particular a relação entre o que o texto diz e o que a imagem mostra, e por ser o lugar onde se firma o contrato de comunicação entre os sujeitos por meio da edição. Assim como textualmente a ideologia se insinua a partir de posicionamentos (escolha da língua, do foco, dos sujeitos), isto é, onde o texto de fato fala, é nas imagens, no corte, classificação, manuseio, seleção e montagem de edição onde pensamos residirem os sentidos políticos do telejornalismo.

## Referências

- BRASIL, Antonio. **Telejornalismo imaginário** – memórias, estudos e reflexões sobre o papel das imagens nos noticiários de TV. Florianópolis: Insular, 2012.
- BREED, W. Controle social na redação. Uma análise funcional. In: TRAUQUINA, N. (Org.). **Jornalismo: questões, teorias e estórias**. Lisboa: Vega, 1993
- CHARAUDEAU, P. **Discurso das mídias**. Tradução: Angela M. S. Corrêa. São Paulo: Contexto, 2010.
- CHARLEAUX, João Paulo. De Dilma a Temer: o que mudou e o que segue igual no Brasil. **Nexo**, São Paulo, 19 mar. 2017. Disponível em: <<https://www.nexojournal.com.br/expresso/2017/03/19/De-Dilma-a-Temer-o-que-mudou-e-o-que-segue-igual-no-Brasil>>. Acesso em: 27 jun. 2018.
- CRUZ NETO, José Elias da. **Reportagem de televisão: como produzir, executar e editar**. Petrópolis: Vozes, 2008.
- FARIA, Tales (Ed.). Leia uma comparação dos indicadores econômicos antes e depois de Temer. **Poder 360**, Brasília. Disponível em: <<https://www.poder360.com.br/economia/leia-uma-comparacao-dos->

indicadores-economicos-antes-e-depois-de-temer/ >. Acesso em: 27 jun. 2018.

LEAL, Edson Pereira Bueno. Economia Brasileira – 21 a 31 de outubro de 2015. **Administradores.com**, João Pessoa, 31 out. 2015. Disponível em: < <http://www.administradores.com.br/artigos/economia-e-financas/economia-brasileira-21-a-30-de-outubro-de-2-015/91355/> >. Acesso em: 27 jun. 2018.

ORLANDI, E. **Análise do discurso**: princípios e procedimentos. Campinas: Pontes Editores, 2010.

VILELLA, Regina. **Profissão: Jornalista de TV** – Jornalismo aplicado na era digital. Rio de Janeiro: Editora Ciência Moderna, 2008.

VIZEU, Alfredo Eurico Jr. **Decidindo o que é notícia**: os bastidores do telejornalismo. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.

WOLF, Mauro. **Teorias da Comunicação**. Lisboa: Editorial Presença, 1994.

